

DIA DO ÍNDIO

Motivos para comemorar

POPULAÇÃO CRESCE E DEMARCAÇÃO DE TERRAS AVANÇA

ÍNDIGENAS DO AM VÃO ESTAR REUNIDOS HOJE, NO PARQUE DO MINDU, DECIDIDOS A ACABAR COM OBSTÁCULOS QUE AINDA ATRAPALHAM O DESENVOLVIMENTO

LOREDANA KOTINSKI
ESPECIAL PARA A CRÍTICA

Nada de arco e flecha. Os índios da era pós-Cabral empunham caneta e papel e mostram por que têm motivos de sobra para comemorar.

A população, que quase desapareceu do Brasil, tem hoje a maior taxa de crescimento do País: 3,5% ao ano, número superior ao da população não índia, que é de 1,6%, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em vez de festas, os indígenas do Amazonas comemoram discutindo, há uma semana, no Parque do Mindu, os problemas que ainda emperram seu desenvolvimento e atrapalham a preservação da sua cultura. Não fosse uma oca – erguida na entrada do parque – e os estandes com artesanato, nada lembraria os índios que foram escravizados e mortos desde o descobrimento do Brasil.

Do passado, alguns problemas resistiram e teimam em incomodar: as invasões de terras indígenas, a influência de outras crenças religiosas e a discriminação social. Das 62 etnias existentes no Estado – 50% delas no Alto Rio Negro – apenas quatro não tiveram nenhum contato com não índios.

A demarcação de terras no Estado avançou, mas apenas 50% das áreas indígenas estão legal-

mente delimitadas e sem posseiros. Este ano, dez estão passando por este processo. Ainda assim, os 90 mil índios existentes no Amazonas não têm garantia de continuidade das suas etnias.

A discriminação social é outro empecilho. Segundo a Coordenação de Organizações Indígenas da Amazônia Legal (Coaiab), uma Organização Não-Governamental (ONG) sediada em Manaus, o maior problema é a falta do cumprimento de pactos de direitos humanos internacionais. "O Governo brasileiro é signatário de pactos como o de São José e o de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), mas não cria mecanismos para o cumprimento deles", disse o assessor de comunicação da Coiab, Manuel Lima.

EDUCAÇÃO

Para a ONG, o processo de erradicação de discriminação indígena passa pela educação. Em novembro de 2000, a Coaiab propôs na Câmara dos Deputados a criação de um Instituto Superior de Formação de Professores e Pesquisa de Línguas Indígenas. O assunto ainda está em discussão, segundo ele.

A deficiência no setor educacional para índios é reconhecida pelo presidente do Conselho Estadual de Educação Indígena, Ademir Ramos. Segundo ele, das 650 escolas indígenas existentes, apenas as de 30 comunidades alfabetizam seus alunos com a língua materna.

Além disso, afirmou o assessor, não há recursos humanos para suprir a demanda de alunos de 5ª a 8ª séries. Faltam professores especializados e sobram escolas de madeira, com apenas uma sala de aula e sem material didático.

O Governo do Estado está treinando 700 professores índios, que só estarão aptos para atuar em sala de aula em 2002. "Este é nosso maior desafio: preparar mão-de-obra especializada em educação indígena", disse Ramos.



TRADIÇÃO Saterés-maués, que participam da Semana dos Povos Indígenas, mostrarão dança da tucandeira

João Pinduca Rodrigues - 17/abr/2001

MORTALIDADE

Saúde de crianças preocupa

Uma taxa de mortalidade recorde: 87,1 mortes para cada mil nativos índios. O número alarmante reúne hoje, durante todo o dia, pediatras e público em geral em torno da saúde da criança indígena.

A mortalidade infantil entre índios é três vezes maior que a taxa em crianças não índias: 34,6 por mil. Mas as causas são as mesmas. Pneumonia, diarreia, tuberculose e desidratação aparecem como as principais causadoras de mortes.

O 2º Fórum de Saúde da Criança Indígena espera discutir uma estratégia que há três anos é aplicada no Brasil. Trata-se de um programa denominado Atuação Integral nas Doenças Prevalentes na Infância, que ataca a causa das doenças.

A estratégia é levar esclarecimentos aos pais sobre higiene, alimentação e tratamentos básicos e necessidade de imunização da criança. Essas ações preventivas deverão ser adequadas à cultura indígena. "O principal problema é a falta de informação, seja entre não índios ou índios", disse a presidente da Sociedade Amazonense de Pediatria, Rocicleide Pinheiro. O fórum é aberto ao público e acontece no auditório do Conselho Regional de Medicina, na avenida Senador Raimundo Parente, 6, Flores, Zona Centro-Sul.

VITÓRIA

Luta diária pela vida

Para alguns índios, a necessidade de sobrevivência aguçou a criatividade e situações decedentes se transformaram em exemplos de sucesso. A maior expressão dessa metamorfose está na Região Norte do País. Entre o Amazonas e Roraima, ao longo da BR-174, os uaimiris-atroari insistem em sobreviver. Já chegaram perto do fim, em 1996, quando a população não alcançava 400 índios. Hoje são 887 e continuam crescendo 5,6% ao ano, a maior taxa do mundo. Os índios, que falam a língua karib, são campeões também em qualidade de vida e sua estrutura de geração de renda e preservação são produtos de exportação. Tudo isso graças ao Programa de Sobrevivência Waimiri-Atroari, implantado em 1987 pela Eletronorte.

A iniciativa não foi gratuita. A empresa aceitou o programa – que custa US\$ 450 mil por ano – depois de inundar 30 mil hectares de terras uaimiris, com a construção da hidrelétrica de Balbina. A troca foi justa e vai durar por mais 13 anos, quando os índios deverão estar aptos e em número suficiente para garantir a sobrevivência étnica. Hoje, os indígenas pagam para que especialistas trabalhem em prol

deles. São 70 funcionários prestando assistência nas áreas de saúde, educação, fiscalização, meio ambiente e finanças. Não é à toa que o patrimônio uaimiri chega a US\$ 1 milhão, entre veículos, imóveis e investimentos.

Todos os produtos que levam o nome Waimiri-Atroari vendem como água e renderam aos nativos, no ano passado, R\$ 80 mil. São peças de artesanato, livros, camisetas e cartões postais. Tudo fabricado por eles ou

com a aprovação deles.

Não se trata de uma mina de ouro. Os índios, que resistiram à abertura da rodovia que liga o Amazonas a Roraima e passa dentro de suas terras; à presença da Mineração Taboca e à construção de Balbina; aprenderam a tirar do mundo civilizado o necessário para viver, sem perder sua cultura. "Os uaimiris têm a noção exata de tudo o que acontece em volta deles", disse o coordenador do programa, José Porfírio de Carvalho.

Programação

"Semana dos Povos Indígenas"

19/4/2001

Às 15h - Mesa-redonda: Povos Indígenas e Direitos Humanos. Expositores: OAB, Faculdade de Direito/UA, MPF, Sejus e Coiab.

Às 17h30 - Apresentação do grupo Wiyagütükümü: música indígena.

Às 19h - Julgamento do Concurso de Folder Educação Indígena no Amazonas, na Faculdade Martha Falcão.

Das 9h às 18h - Exposição do Concurso de Folder Educação Indígena no Amazonas.

20/4/2001

Às 15h - Mesa-redonda: Sustentabilidade Projetos e Experiência. Expositores: Funai, FVA, Ipaam, Ibama, PWA, Coiab e Depi.

21/4/2001

Às 16h - Apresentação da Peça: O Casamento da Filha do Mapinguari.

Às 15h - Apresentação do grupo Wiyagütükümü: música indígena.

22/4/2001

Às 16h - Coquetel de Encerramento. Show com artistas indígenas.

Ausência de guerreiro é sentida

Ele só se rendeu a uma cirurgia de apendicite. Não fosse isso, um dos maiores líderes indígenas uaimiri-atroari, Tomás Temehe, estaria participando da festa tribal denominada Maryba.

A comemoração, que está acontecendo há uma semana na reserva uaimiri, reúne toda a tribo para a troca de flechas entre os guerreiros, o pagamento do "eremy" (cantor) e discussões de assuntos importantes para a etnia.

A ausência de Tomás – responsável pela criação de três aldeias – foi sentida, mas seu lugar está garantido. O líder,

que viu o tio morrer na luta contra a construção da BR-174 e também participou do confronto, lembra com tristeza daquela época. "Não era boa, não. Agora tá melhor", disse.

Seus gestos narram a história da origem do seu nome Temehe – onça, na língua karib – dado pelo seu avô. O patriarca da tribo acertou em cheio. O líder Temehe é guerreiro respeitado e conta com a simplicidade do homem da floresta, que antes de adoecer caçou uma onça.

A flecha, segundo ele, atingiu o pescoço do animal que foi

servido para toda a aldeia ariné, atualmente chefiada por ele. Mas o homem que mata para comer tem coração bondoso. Adotou uma índia de outra aldeia, banida por ter problemas cardíacos e necessitar de marcapasso. Ontem, ela morreu, mas Temehe não demonstra tristeza. O seu olhar se distancia quando fala no assunto, como procurando a lembrança da índia ainda viva, mas suas palavras negam. "Não tô triste, não", afirma. Um guerreiro uaimiri não chora. Nem precisava, seu olhar fala mais.

Luiz Vasconcelos



TEMEHE Índio uaimiri-atroari tem história de muita bravura e generosidade